ENTREVISTA

Levar o campo adiante:
uma entrevista com Raewyn Connell[1]

Mateus de Melo Albuquerque[2]
Soraya Barreto Januário[3]
Universidade Federal de Pernambuco

Imagem 1 – Prof. Raewyn Connel.
Fonte: Site pessoal da autora

Resumo: A entrevista apresenta perspectivas contemporâneas e urgentes para os estudos das masculinidades, a partir de provocações feitas por Raewyn Connell. Ao longo da entrevista, Connell reflete não apenas sobre o impacto de seu livro *Masculinities*, que completa 30 anos de publicação, mas também sobre os novos desafios enfrentados pelo campo das masculinidades em um mundo profundamente marcado pelo autoritarismo e bombardeado por imagens violentas sobre o que significa ser homem — da política aos esportes. Para a autora, é hora de superar debates teóricos já esgotados e levar o campo adiante.

Palavras-chave: masculinidades; entrevista; Raewyn Connell.

[1] Agradecemos à professora Sofia Aboim (ULisboa) por ter feito a ponte de contato entre nós e a professora Raewyn Connell, à equipe do Fegeccap, especialmente Danyelle Alves da Paixão, Paloma de Castro Melo e Lydia Gomes Barros e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. Também gostaríamos de agradecer a Gustavo Leal e a Lucas Valença pelo suporte técnico na edição da palestra realizada por Connell. Vídeo disponível em: youtu.be/IW8FWNoI8jg.
[2] Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestrado em Direitos Humanos (2023) e Bacharelado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (2019) também pela UFPE. Integrante dos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo (Fegeccap/UFPE) e Digital Economy and Extreme Politics Lab (DeepLab/UCD).
[3] Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFPE). Pós-doutorado na McGill University, (IGSF), Montreal, Canadá.

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

ALBUQUERQUE, Mateus de Melo; BARRETO JANUÁRIO, Soraya. **Levar o campo adiante: uma entrevista com Raewyn Connell.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 13 (32): 305-318, maio a agosto de 2026. ISSN: 2358-5587

To take the field forward:
an interview with Raewyn Connell

Abstract: The interview presents contemporary and urgent perspectives to the studies of masculinities based on provocations made by Raewyn Connell. During this interview, Connell reflects not only on the reach her book *Masculinities* has had, as it completes 30 years since its first publication, but also on the new challenges for the field of masculinities studies in a world profoundly marked by authoritarianism and bombarded by violent images of what it can mean to be a man — from politics to sports. For the author, the time has come to break free from exhausted theoretical debates and to take the field forward.

Keywords: masculinities; interview; Raewyn Connell.

Llevando el campo hacia adelante:
una entrevista con Raewyn Connell

Resumen: La entrevista presenta perspectivas contemporáneas y urgentes sobre los estudios de las masculinidades, basadas en las provocaciones de Raewyn Connell. En la entrevista, Connell reflexiona no sólo sobre el alcance de su libro *Masculinities*, al cumplirse 30 años de su primera publicación, sino también sobre los nuevos desafíos para el campo de los estudios de las masculinidades en un mundo profundamente marcado por el autoritarismo y bombardeado por imágenes violentas de lo que puede significar ser hombre — desde la política hasta el deporte. Para la autora, ha llegado el momento de romper con los debates teóricos agotados y avanzar en este campo.

Palabras clave: masculinidades; entrevista; Raewyn Connell.

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

Raewyn Connell é socióloga, hoje professora emérita da Universidade de Sydney, na Austrália, e amplamente reconhecida por sua contribuição seminal ao campo dos estudos de gênero e das masculinidades, especialmente por causa do livro *Masculinities*, publicado originalmente em 1995 e reeditado uma década depois, em 2005. Embora essa obra tenha sido consolidada como seu trabalho mais influente, ao ponto de muitos pesquisadores e pesquisadoras se referirem a Connell como uma das fundadoras deste campo de estudos, seria um equívoco limitar Connell a essa área do conhecimento.

Connell possui uma trajetória intelectual marcada por um notável nomadismo temático (HAMLIN e VANDENBERGHE, 2013), característico de pensadoras e pensadores cujos métodos e abordagens desafiam a divisão rígida do saber. Ao longo de sua carreira, Connell transitou por uma ampla gama de temas e debates, contribuindo de forma significativa para áreas como teoria social, sociologia da educação, globalização, neoliberalismo, teorias do sul e, claro, estudos de gênero (CONNELL e PEARSE, 2015; CONNELL, 2016). Mencionar apenas esses campos é uma tentativa de ilustrar, ainda que de maneira incompleta, a extensão e a diversidade do conhecimento de Connell, que permanece profundamente engajada com as transformações sociais e políticas do mundo contemporâneo.

Limitando-nos ao tema que nos interessa, mesmo em *Masculinities* é possível perceber a versatilidade de investigação empregada por Connell: de retomadas históricas a estudos de caso, a autora faz um panorama global que, até hoje, canoniza o livro nos estudos de gênero pela sua contribuição. Como a própria autora falará adiante, sua proposta nunca foi a de propor uma "teoria das masculinidades", mas uma "teoria de gênero", para a qual é inevitável mobilizar uma estratégia transdisciplinar, na medida em que a investigação, em toda a sua complexidade, demanda analisar questões variadas, como política, saúde, psicanálise, sociologia, campos de trabalho, questões do movimento gay, entre tantas outras.

Em 2025, o grupo de pesquisa Fegeccap (Núcleo de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo), vinculado ao CNPq e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, realizou seu 3º Simpósio Internacional. Na ocasião, o evento teve como tema "Repensando a hegemonia: epistemologias feministas e masculinidades" e a professora Raewyn Connell realizou a fala de abertura do evento, discorrendo sobre autoritarismo e masculinidades em um contexto global. Ao final de sua fala, que foi pré-gravada devido à imensa diferença de fuso-horários entre Sydney e Recife (cidade-sede do Fegeccap), membros do grupo puderam levar à professora Connell algumas perguntas relacionadas não apenas ao tema de sua palestra, mas à sua contribuição para os estudos de masculinidades como um todo — o que permitiu a publicação deste momento da reunião no formato da entrevista que agora

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

apresentamos aqui.

A principal lição extraída do diálogo com Raewyn Connell foi, como ela mesma nos provocou, de "levar o campo adiante". Em nossa leitura, esse chamado se apoia em dois pontos centrais. O primeiro diz respeito à urgência de superar debates que já demonstram sinais de esgotamento: a discussão em torno da ideia de "masculinidade hegemônica". Embora Connell utilize esse conceito em Masculinities (não sendo a primeira a fazê-lo), sua formulação serviu para descrever as masculinidades que ocupam posições dominantes na hierarquia de gênero (CONNELL, 2005). Uma ampla repercussão e controvérsia seguiram o uso do termo, o que levou Connell a revisar seu uso posteriormente (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013). A segunda questão, igualmente relevante, é que "levar o campo adiante" significa, de forma literal e simbólica, seguir em frente. Continuar a formular problemas de pesquisa pertinentes e inovadores, sensíveis às transformações do mundo contemporâneo. Significa também buscar novas formas de nos aproximarmos de nossos objetos de estudo, escrevendo sobre eles de maneira que preserve suas singularidades ao mesmo tempo em que ampliamos os horizontes dos estudos sobre masculinidades. Significa alcançar territórios antes impensáveis, especialmente se considerarmos o contexto em que esse campo emergiu nos anos 1980.

A entrevista

Mateus Albuquerque (MA): Neste ano de 2025, completam-se 30 anos da primeira edição do seu livro *Masculinities*, ao qual muitos acadêmicos e acadêmicas atribuem a responsabilidade de inauguração do campo de estudos das masculinidades. Após três décadas, qual é a principal contribuição que você espera que o livro tenha feito?

Raewyn Connell (RC): Bom, minha esperança ao escrever o livro era a de criar uma base, uma plataforma. Não em um sentido eletrônico, mas um campo de trabalho sobre o qual pesquisadores e ativistas pudessem colocar-se e fazer coisas que eu não tinha conseguido fazer. Se o livro teve alguma influência, eu acredito que foi porque conseguiu agregar e conseguiu sintetizar muitos trabalhos que já haviam sido feitos. Quando escrevi o livro, já haviam 10 anos, mais ou menos, de pesquisa em questões sobre masculinidades, que haviam sido feitas em muitas partes do mundo. Então, o livro reuniu tudo isso e, de alguma forma, manteve isso unido. Foi possível ver uma forma para muitas das descobertas que surgiram.

O livro é mais conhecido pelo termo "masculinidade hegemônica". De fato, muitas pessoas falam de uma "teoria da masculinidade hegemônica". Isso me envergonha, porque eu nunca tive uma teoria de masculinidade hegemônica. Eu tinha uma teoria de *gênero*, dentro da qual, masculinidade hegemônica era o nome de uma posição estrutural e um certo tipo de mecanismo.

No entanto, me parece que o livro serviu como um ponto de partida para trabalhos que se tornaram muito mais diversos e muito mais sofisticados, do que o trabalho feito nos anos 1980 e 1990 poderia ser. Estou feliz por isso. É o destino de qualquer pesquisador(a) tornar-se obsoleto(a)! E às vezes eu preciso lembrar às pessoas disto. O modelo estrutural de masculinidades daquele livro está obsoleto. Podemos deixar aquela versão do campo de estudos para trás e perseguir novas ideias — que, de certa forma, incorporam o que a minha geração de pesquisadores(as) fez, mas agora vocês podem fazer coisas novas e coisas melhores com

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

o que passou.

Esse é o meu sentimento sobre o livro. Estou muito feliz por ele ter circulado. Eu não vou escrever uma terceira edição [risos]. 10 anos após a primeira edição, pareceu valer a pena tentar conectá-lo com o trabalho que havia imediatamente seguido a publicação da primeira edição. Portanto, escrevi a segunda edição publicada em 2005. Mas agora me sinto feliz que outras pessoas levem o campo adiante. E estou fascinada e impressionada com os trabalhos que têm sido feitos.

MA: De fato, muita coisa mudou, não apenas do ponto de vista teórico no campo dos estudos de gênero, como no cenário geopolítico global. Com as mudanças dos últimos 30 anos, especialmente o avanço do autoritarismo, que novas dinâmicas você observa no mundo?

RC: Eu falaria das masculinidades em sua relação com as mudanças econômicas, políticas e culturais que aconteceram nas últimas décadas. Elas produziram o que muitas pessoas acreditam ser uma dramática guinada em direção ao autoritarismo na política — e em direção a certos tipos de masculinidade, que são muitas vezes resumidos à ideia de "masculinidade tóxica".

Então, deixe-me começar pela história política. De imediato quero dizer: sim, realmente acredito que estamos vivendo em tempos autoritários. É impressionante que, se olharmos para os quatro governos mais poderosos, econômica e militarmente, no mundo, todos são atualmente governados por lideranças políticas que possuem um caráter autoritário diferente.

Isso é claramente verdade nos Estados Unidos, como as notícias diárias nos contam, acerca da atual administração de Trump. Deixem-me ir para a próxima potência econômica e militar: a República Popular da China. Em imagens do seu grupo político central, o bureau político do Comitê Central do Partido Comunista, o partido que está no poder no Estado monopartidário chinês, vemos Xi Jinping sorrindo, formal e aparentemente satisfeito. O modo como sua masculinidade é apresentada nestas imagens é notavelmente diferente do modo, por exemplo, como Donald Trump constantemente se apresenta na mídia.

Ambas diferenciam-se do modo como o presidente da Federação Russa tende a se apresentar, e chegamos à terceira potência nuclear e econômica. Existe uma famosa fotografia de Vladimir Putin, para a qual ele posou e divulgou. É uma de uma série de imagens em que Putin se mostra deliberadamente como um homem aventureiro, como um caçador, na neve, em terrenos acidentados, andando a cavalo. Ele está claramente construindo a imagem de uma masculinidade forte e ao ar livre. O que, é claro, é uma fachada, até porque ele é, na verdade, um burocrata — um burocrata de segurança do velho regime que teve sucesso nas novas condições políticas (após o fim da União Soviética), e gradualmente construiu uma ditadura própria.

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

Imagem 2 – Vladimir Putin andando a cavalo (2022). Fonte: UOL Notícias

RC: E a quarta em minha lista de superpotências é a República da Índia. Esta é uma antiga colônia britânica, que foi dividida à época que conquistou sua independência em 1947, em cerca de 5 Estados bem sucedidos. Entre estes, a Índia é, de longe, o maior [Estado].

O seu atual chefe do governo é Narendra Modi. A Índia foi, por um bom tempo, uma democracia multipartidária e ainda tem uma constituição democrática. Mas pela administração de Modi, está sendo transformada em um estado autoritário baseado em hierarquias religiosas e raciais. Ficando por um momento com a Índia, por trás da ascensão do BJP (*Bharatiya Janata Party*), que é o partido hindu-nacionalista de Modi, está um movimento social. Parte disso é um movimento paramilitar, conhecido como RSS (*Rashtriya Swayamsevak Sangh*). Eles são uma milícia organizada, notavelmente conhecida por organizar grandes protestos, marchas de seus militantes, por vezes usando varas como armas, obviamente imitando o uso de rifles em desfiles militares. Você vai perceber que, na imagem, todos os militantes são homens. E essa talvez seja a maior milícia do mundo, ela tem uma membresia de algo em torno de 5 milhões de pessoas no momento. E quando você ouve falar nos ditos protestos na Índia entre muçulmanos e hindus, em muitos deles, é este grupo que mais se envolve em brigas de rua e no ataque a muçulmanos. Então, estamos vendo uma mobilização massiva, e de um tipo altamente militarístico, que está por trás da tomada autoritária do governo indiano.

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

Imagem 3 – Desfile do RSS. Fonte: Wikipedia

RC: E se olharmos para a próxima camada abaixo, a de nações nem tão poderosas, também encontramos um número de líderes autoritários estabelecidos. No Irã, é claro, há o regime islâmico. Há um novo regime autoritário na Hungria, que também se baseia em hierarquias religiosas e raciais. Um regime autoritário islâmico de um diferente modo na Turquia. Há um regime autoritário na Bielo-Rússia, modelado, em alguma medida, no regime de Putin. E, é claro, a nova ditadura islâmica no Afeganistão. E poderíamos continuar, existem muitos mais.

Estes são, se preferir, regimes de Estado. Mas há mais coisas a se considerar. Muitos destes regimes vieram ao poder por meio da mobilização de um movimento social autoritário. Eles também existem de formas diferentes. Podemos pensar no *Tea Party* estadunidense, um movimento antitributário, de extrema direita, que ajudou a radicalizar o Partido Republicano — de modo que permitiu a Donald Trump tornar-se líder do partido. Nós podemos ver a mobilização da extrema-direita na Alemanha, que está por trás da ascensão do partido de direita *Alternative für Deutschland,* que agora está tendo um sucesso considerável. Vemos milícias islâmicas em partes significativas da África do Norte, África Oriental, Oriente Médio, Sudeste Asiático. Exemplos bem conhecidos são o movimento do Estado Islâmico no Iraque e na Síria e o *Boko Haram* no Norte da Nigéria. Existem vários outros também.

Soraya Barreto (SB): Como você avalia a contribuição da mídia nesta nova guinada autoritária?

RC: Por trás dos movimentos sociais, é claro, também está a mídia. Temos visto o crescimento recente de uma nova mídia de direita em diversas partes do mundo. Nos Estados Unidos, tenho certeza que muitos de vocês já viram a *Fox News*. Ela é uma subsidiária de um império midiático internacional que pertence a alguém que é originalmente australiano, Rupert Murdoch, o multimilionário que controla a corporação por trás da *Fox News*. Nós podemos ver mobilizações

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

online, como a chamada Machosfera[4] [*Manosphere*]. Ela possui uma variedade de sites — fóruns, sites pessoais, blogs, e assim por diante — que possuem conteúdos antifeministas e misóginos. E vemos empreendimentos online, como a fingida *Hustlers University*, construída pelo influencer Andrew Tate, que vocês já devem ter ouvido falar, se acompanham as políticas de masculinidades online.

Então, temos um universo midiático masculino e autoritário, um padrão de mobilização social e partidos políticos, alguns dos quais já chegaram ao poder, enquanto outros não. E pela influência combinada de todos esses desenvolvimentos, vemos mudanças nas políticas estatais, em políticas governamentais que afetam um variado número de pessoas.

Muitas dessas estão, direta ou indiretamente, ligadas ao controle das vidas das mulheres. Muito direta e espetacularmente no Afeganistão, é claro. De forma um pouco menos abrangente, na agenda atual do Partido Republicano nos Estados Unidos. Notavelmente, nos ataques no direito ao aborto, e na repressão em cerca de metade dos estados americanos aos direitos das mulheres ao aborto, que estavam sendo universalmente salvaguardados nos Estados Unidos pelos últimos 50 anos.

Vemos padrões comuns em muitos destes regimes autoritários: uma perseguição de minorias, sejam minorias religiosas, como é o caso dos muçulmanos na Índia e em diversas partes da Europa, ou minorias sexuais ou raciais. Também vemos um padrão de manipulação política: a tentativa de assumir o controle não apenas das políticas estatais, mas também dos funcionários públicos, por exemplo, ao tomar o controle político das cortes. Este é um movimento comum, visto espetacularmente na Rússia recentemente e nos Estados Unidos também, mas também na Índia e em outros lugares. Vemos manipulação das eleições, como através da prática comum de aprisionamento ou exílio, ou de incriminação de quem quer que seja o líder da oposição do regime.

Importantemente, também vemos uma mudança na economia e nas políticas de bem estar. Em muitos, se não em todos esses regimes, é feita uma mudança em direção a uma política de austeridade neoliberal, que corta os serviços de bem estar social como forma de diminuir impostos para os ricos. Isso está acontecendo em uma escala global no momento, com o corte de ajudas internacionais, incluindo as ajudas dos Estados Unidos para a saúde. E esse é só um dos exemplos. Então, eu acho que as pessoas não estão erradas ao falar deste momento histórico como um tempo de impacto considerável do autoritarismo. Movimentos e regimes autoritários existiam 20 anos atrás, mas não nessa escala, ou nessa intensidade.

SB: O antifeminismo é um componente indispensável para o autoritarismo global contemporâneo do qual você fala?

RC: Acho que é bastante difuso. Nem sempre é tematizado, mas pode estar ali. Um exemplo disso seria o regime chinês, que é oficialmente a favor da igualdade de gênero. Ele nunca realizou uma posição ideológica contrária ao avanço das mulheres. Mas trata a organização feminista como subsersiva, na verdade, desmantelou tentativas de organização feminista de formas que estão facilmente disponíveis paraa uma ditadura estabelecida, sem nunca ter tido que falar abertamente sobre o que faz. É assim que o governo age. Ele tornou impossível para

[4] Ver Villaça e d'Andrea (2021).

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

que qualquer movimento ativo feminista emergisse. Tornou ainda mais impossível que qualquer movimento ativo gay ou lésbico emergisse. Mas, o regime chinês orgulha-se de ter sediado a última das Conferências Mundiais Sobre Mulheres, quando foi feito um famoso documento feminista conhecido como a *Declaração de Pequim de 1995*.

Outros movimentos, é claro, são muito mais explicitamente antifeministas. A direita Republicana nos Estados Unidos é bastante explicitamente antifeminista. Ela tem estado à frente da reintrodução de proibições ao aborto em todo o mundo.

SB: Em sua opinião, há elementos estruturais ou ideológicos comuns entre estes diferentes movimentos autoritários?

RC: Se dermos um passo atrás destas manifestações de autoritarismo que tenho listado, podemos ver algumas fontes imediatas destes movimentos e mudanças na consciência política e popular.

Primeiramente, muitos deles estão conectados de um modo ou de outro ao que podemos pensar como espaços masculinos. Aqui, não estou pensando tanto no espaço de masculinidade tóxica da *Manosphere*, mas em espaços bem estabelecidos, espaços institucionalizados, que são predominantemente ocupados por homens, ou onde homens possuem um grau de controle bastante elevado. Um exemplo é o esporte comercial. Ultimamente vemos uma crescente participação das mulheres no esporte comercial. Mas este tem sido um espaço quase completamente masculino. As mulheres o adentraram de modo marginal e subordinado. Aqui está uma foto de um heroi do futebol na Austrália, meu país. Esse é um tipo diferente de futebol do que é jogado no Brasil, mas vocês podem ver o ponto que quero fazer. O heroi — e recipiente de um grande salário de estrela futebolística — é um homem exemplar. As mulheres na foto, embora estejam igualmente visíveis, estão totalmente marginalizadas. Elas são simplesmente as líderes de torcida para a performance do homem.

Eu poderia multiplicar este tipo de padrão por diversos códigos esportivos de novo e de novo e de novo. Não é surpreendente, portanto, que um grande número de figuras autoritárias em outras arenas, mantenha, demonstre, ou tenha uma conexão histórica com o esporte comercial. Andrew Tate, para retomar o exemplo, começou em partes sua carreira como um kickboxer profissional, em uma forma de esporte comercial particularmente agressiva.

Outro espaço masculino que possui conexões interessantes com o autoritarismo é o ramo da alta tecnologia, a indústria dos computadores, a indústria online e a mídia eletrônica. Temos bastante familiaridade com as origens de Elon Musk, e ele não é o único. Jeff Bezos vêm à mente, ele recentemente comprou o famoso jornal *The Washington Post*, e o transformou politicamente para a direita. Rupert Murdoch fez uma grande parte de sua fortuna por meio da transmissão de esportes comerciais ao conseguir o monopólio dos direitos de transmissão de alguns esportes populares.

Outro notável espaço masculino econômico é o setor financeiro, que está definitivamente conectado com o lado econômico do novo autoritarismo. Outro, são as forças armadas e policiais, que até recentemente eram inteiramente masculinas. Elas ainda são dominadas por homens em grau impressionante e são uma fonte de apoio a regimes autoritários e um local de importantes práticas de governo autoritário.

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

Imagem 4 – Astro do futebol australiano posa ao lado de líderes de torcida Fonte: Couriermall

MA: Na posse de Trump, vimos, lado a lado, 6 CEOs de *big techs*, como Amazon, Google, Apple e outras. Na sua percepção, de que maneiras essas plataformas têm investido na percepção pública de regimes autoritários?

RC: Sim, as redes sociais particularmente certamente facilitaram a circulação de temas ideológicos do autoritarismo. Elas não têm sido particularmente cúmplices, até onde sei, no lado organizacional das políticas autoritárias. Mas isto também não está completamente excluído, simplesmente porque elas são muito ricas e podem fazer doações para partidos de direita, assim como muitas o fazem. Contudo, as suas atividades como plataformas, não está integrada à atividade autoritária do Estado em nenhuma grande medida. Vocês devem saber mais que eu sobre isso, porque não sou nenhum tipo de especialista no digital contemporâneo ou na economia digital contemporânea [risos], mas essa é minha impressão, ao menos.

O que podemos dizer é que a economia digital é um importante veículo para mudanças sociais que produzem condições subjacentes à virada política autoritária e racista. Por exemplo, o crescimento de trabalhos precários, mesmo em economias razoavelmente afluentes. A economia digital está bastante envolvida nisso. A Amazon é uma das piores empregadoras que nós temos no cenário corporativo atual [risos]. As possibilidades do mundo online e das várias plataformas que lá estão, têm sido importantes no crescimento da *gig economy*. Pensem em sistemas como Uber, que usam o mundo digital como ponto de contato para um padrão de emprego inseguro.

É fácil ficar um pouco impressionado pelos feitos individuais de *influencers* específicos. Provavelmente o exemplo mais conhecido é Andrew Tate, mas existem outros, como vocês sabem. E eles podem ter números de seguidores impressionáveis (ou ao menos aparentam, porque esses dígitos são artificialmente impulsionados de várias formas). Mas existe tanta discussão midiática sobre poucos exemplos que ganham protagonismo, que isso pode distorcer nosso entendimento do que está acontecendo de modo amplo. Os efeitos mais *indiretos* da economia digital podem ser mais importantes no crescimento de políticas autoritárias. Isso são hipóteses da minha parte, não tenho como dar um forte embasamento a esses pensamentos, mas é a forma como tenho lido a cena neste momento.

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

MA: Fiquei pensando que o mundo dos negócios poderia ser um dos espaços dominados por homens que a senhora citou.

RC: Sim, eu diria que existe uma base para o autoritarismo contemporâneo no mundo dos negócios — em formas econômicas que se tornaram dominantes no capitalismo global nas duas últimas gerações. Estou pensando aqui especialmente na mudança que pensamos como uma mudança em direção à políticas "neoliberais", que incluem a desregulação dos mercados, especialmente mercados capitais, antissindicalíssimo, e tentativas de promover o individualismo na cultura.

Uma parte bastante significativa desse movimento econômico, é a cultura do empreendedor, uma ideia de negócios dirigidos por indivíduos que se arriscam, são ousados e líderes ("agente funerário" [*undertaker*], curiosamente, é a palavra inglesa que traduz perfeitamente "empreendedor" [*entrepeneur*])[5]. A figura do empreendedor é quase sempre imaginada como masculina. Isso conecta-se com o momento de financeirização do capitalismo contemporâneo. A transferência de recursos para empresas financeiras — bancos comerciais, várias formas de manipulação do mercado de ações, fundos *hedge* — estava ligada à crise financeira global de 2007, mas permaneceu como uma característica do regime capitalista internacional desde então.

Então, temos uma mudança em direção ao culto do empreendedor acontecendo ao mesmo tempo em que as mudanças econômicas permitiram uma enorme concentração de riqueza nas mãos de um número irrisório de pessoas. Nas imagens de masculinidade, transicionamos do administrador transnacional, o administrador mergulhado nas empresas multinacionais, como ITT ou IBM, o "homem organizacional" altamente controlado, para imagem do "bilionário" contemporâneo. Jeff Bezos é um exemplo, ele começou, brilhantemente, como um vendedor de livros. Por meio da expansão de técnicas de venda online e administração e, por meio de uma atitude realmente feroz em relação à renda e ao bem-estar de sua força de trabalho na Amazon, ele ficou imensamente rico. Bezos notoriamente hostil aos sindicatos e reduziu os níveis salariais de forma impressionante no início da história de sua empresa. Ele é um exemplo perfeito da desconexão com a força de trabalho, que é característico das altas lideranças do regime capitalista contemporâneo.

SB: A senhora poderia desenvolver, um pouco mais, a análise que fez sobre masculinidades, política e esportes?

RC: Eu teria que dizer, primeiro, que políticos não autoritários também gostam de ser vistos com estrelas futebolísticas. Embora eu tenha dado o exemplo de uma estrela do rugby australiano, o que mais me interessava naquela fotografia era toda *mise-en-scène*. O papel das mulheres ali, o papel da torcida, a construção de uma performance masculinizada no que é, de fato, um esporte muito brutal (rugby é mais brutal que o futebol de clubes).

Esse me parecia um exemplo de um espaço cultural masculinizado que possui grande alcance. Porque a implacabilidade da mídia esportiva é impressionante, e

[5] Empreendedor, em sua etimologia, vem do francês "*entreprendre*", que se derivou para "*entrepreneur*", palavra que se traduz para o inglês como "*undertake*", que seria, em português, algo como "tomar o controle". Porém, o termo inglês "*undertaker*" (a pessoa que toma o controle), passou a estar associado a agentes funerários, de modo que na língua inglesa, "*undertaker*" foi paulatinamente substituído por "*entrepreneur*".

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

o tamanho de sua audiência também é impressionante. A mídia esportiva familiariza a audiência de massa com um espaço masculinizado, que é bastante hierárquico. Esportes comerciais são extremamente competitivos e extremamente hierárquicos, com salários altíssimos para os que estão no topo, e níveis enormes de decepção para quem está na base.

Existem outras características do tipo de masculinidade de que tenho falado, a combatividade, a disposição de infligir dor, a dureza, o culto à dureza, que é tão importante nos esportes competitivos. Esse contexto parece mais importante do que quaisquer ações específicas de figuras esportivas individuais ou políticos (como Hulk Hogan apoiando Donald Trump). Mas quando isso acontece, destaca o fato da conexão entre o mundo político e a forma assumida pelos esportes comerciais.

MA: Os espaços masculinos que a senhora citou também incluem a religião, certo?

RC: Sim, os espaços masculinos estabelecidos também incluem o conservadorismo e autoritarismo religioso. Cerca de 10 anos atrás, na França, uma manifestação chamada *Manif pour tous* foi às ruas contra o que era chamado de "teoria de gênero" ou "ideologia de gênero" (a ocasião tratava de uma lei que propunha a liberação do casamento entre casais do mesmo sexo). Esta foi uma das primeiras mobilizações públicas da campanha da Igreja Católica contra o conceito de gênero.

A "teoria de gênero", na linguagem da direita católica que organizou a mobilização, significa feminismo, liberação gay, existência de grupos trans e qualquer ideia que apoie estas figuras da nossa vida social. O movimento antigênero produziu uma série de memes políticos, que surgem em mobilizações de direita e campanhas políticas de tempos em tempos ao redor do mundo.

Aconteceu na Austrália alguns anos depois dessa manifestação na França. Os partidos de direita insistiram em um referendo que eles pensavam que se oporia ao casamento gay (uma tática que o Partido Republicano nos Estados Unidos está usando no momento). A campanha usava temas de mobilizações antigênero. E essa tentativa falhou. O voto popular apoiou o casamento gay e os partidos de direita foram forçados a legislar a esse do casamento gay. Essa história deveria ser mais conhecida!

Outras manifestações de autoritarismo estão conectadas com outras religiões. O movimento de Modi na Índia, por exemplo, é fortemente conectado — não à religião Hindu tradicional, mas a uma nova versão da identidade Hindu, comumente chamada de *Hindutva* (a religião popular Hindu costumava ser bastante plural, tolerante e sincrética, envolvendo muitos deuses e deusas, diferentes formas de adoração e crenças mistas e fluidas). Ela foi transformada em um conjunto de doutrinas e crenças fixas, e em um conjunto fixo de deuses, de modo que opere como uma religião do livro — como é o cristianismo evangélico, com todo o antagonismo contra outras religiões que encontramos em certas formas de cristianismo.

Na religião islâmica, também, existem versões autoritárias, versões militantes, que ganharam proeminência e ganharam poder em diferentes partes do mundo islâmico nas últimas duas gerações. As formas do islã *salafistas,* especialmente os *wahhabitas*, foram construídas sobre a ideia de prestígio da Arábia na cultura islâmica.

Então, também há bases culturais tanto quanto econômicas para a mudança

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

para o autoritarismo. Não será surpresa para ninguém perceber que a maioria dessas formas culturais são supremacistas masculinas de uma forma ou de outra. Têm lugares específicos para as mulheres em suas igrejas e mesquitas e mulheres participaram de manifestações antigênero, por exemplo, se declarando a favor da "família". Mas o lugar das mulheres aqui é claramente subordinado também.

MA: Judith Butler (2024), em uma discussão recente do termo "ideologia de gênero", disse que esse termo tem sido utilizado por setores conservadores como um bode expiatório diante do qual políticas autoritárias projetam seus medos e ansiedades diante de crises como a instabilidade econômica. A partir dessa perspectiva, você identifica movimentos de resistência a essa agenda, especialmente no contexto do Sul Global?

RC: Há partes do mundo e formas de autoritarismo onde esse tipo de pensamento ideológico antigênero, que surgiu dessa rede específica na Igreja Católica, realmente não tem força. A campanha Católica é irrelevante na Índia, é irrelevante na China. Estes são os dois países mais populosos do mundo e ambos têm regimes autoritários, mesmo que com diferentes tipos de autoritarismo. Esse é o primeiro ponto pós-colonial que eu gostaria de fazer. Grande parte da discussão sobre novos autoritarismos, como grande parte do trabalho ideológico das políticas de direita em si, são bastante centrados no Norte Global.

Tendo dito isto, eu acho que Judith Butler está certa no que ela diz em seu livro recente sobre o trabalho daquela rede da Igreja Católica (eu não acho que toda a Igreja Católica compartilha dessa opinião, mas o grupo antigênero é um aspecto muito poderoso da Igreja contemporânea). Como outros grupos de extrema-direita que Judith discute em seu livro, eles de fato constroem o que ela chama de "fantasma", um tipo de fantasia, um tipo de fantasia que se sobrepõe a uma característica comum das masculinidades autoritárias — a crença em uma luta sem fim, em que há oposição de inimigos sem fim no mundo.

Esse mecanismo é talvez o mais alarmante até agora no caso indiano, pois resultou em perdas de vidas gravíssimas em violência "comunal". Mas também está afetando vidas na América Latina, na violência da chamada "limpeza social". Está tornando a vida muito mais difícil, neste momento, para as famílias de crianças trans em metade dos estados dos Estados Unidos. Está tornando a vida mais difícil, criando uma sensação constante de ameaça, entre muitos grupos gays e lésbicos no Norte Global

O que ainda não tenho certeza é até que ponto essa construção de inimigos fantasiosos realmente se tornou parte da consciência popular. Em políticas autoritárias, além de haver movimentos sociais genuínos, há muito do que os norte-americanos chamam de *astroturfing*[6]. Isto é, criar a aparência de consentimento popular ou movimento social, que na verdade não está lá (da mesma forma que o *AstroTurf* constrói uma aparência de grama em um campo de jogo). Os referendos que aconteceram em Estados autoritários são exemplos clássicos da criação de um pretenso apoio popular; manipular eleições é outra maneira de fazer isso. É verdade que partidos autoritários às vezes ganham eleições reais e nunca devemos esquecer a sua capacidade de fazer isso. Mas se isso significa que um número

[6] *AstroTurf* é uma subsidiária que vende preenchimento sintético de grama para campos de futebol (e outros interessados) com um tipo de material que faz parecer que a plantação feita naquele campo está mais cheia e vistosa. No campo político, *astroturfing* tem sido uma expressão utilizada para referir-se às tentativas de simular um apoio popular relevante a um político ou a uma causa. Na falta de um apoio substancial, cria-se uma ilusão de que ele existe. Um exemplo prático seria a utilização de *bots* que criam perfis bastante realistas de supostos apoiadores de determinados políticos para atuar online a favor de uma causa. Para saber mais: www.theguardian.com/commentisfree/2012/feb/08/what-is-astroturfing.

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485

massivo de pessoas está aderindo a crenças autoritárias é uma questão bastante duvidosa.

Recebido em 20 de outubro de 2025.
Aprovado em 22 de junho de 2026.

Referências

BUTLER, Judith. *Quem tem medo de gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. 2 ed. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas,* Florianópolis, 21(1): 241-282, 2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos. 2016.

HAMLIN, Cynthia; VANDENBERGHE, Frédéric. Vozes do Sul: entrevista com Raewyn Connell. *Cadernos Pagu,* 40 (1): 345-358, 2013.

DOI: 10.48074/aceno.v13i32.20485